

O MIMO DE ROSAS

(VICOMTE DE BORELLI)

—Amiga Jardineira, eu quero algumas rosas...
E fiz logo ao entrar uns grandes cumprimentos.
A Flora do lugar, de seios opulentos,
Não m'os retribuiu. As Floras são ciosas...

—“Aqui tem.” —

—“Eu queria inda melhores...”

—“E estas?”

—“Inda melhores...” Riu desta exigencia minha:

—“Senhor, meus parabens; são p'ra alguma rainha?...”
Sou timido, baixei os olhos. Ella em festas

De grandes ironias, foi-me dardejando
Um zombeteiro olhar, olhar sem piedade!
E humilde eu respondi: “P'ra Sua Magestade
A Rainha d'esta alma.” E as rosas fui levando.

V. B.

O NATURALISMO

O anno de 1888 recebeu de seu antecessor os efeitos de um acontecimento auspicioso para a litteratura brasileira, qual o de em poucos dias esgotarem-se tres edicções do romance *O Homem*, de Aluizio Azevedo. Isto mostra que o nosso publico se convenceu, por fim, de que o nosso paiz não tem somente café e algodão e borracha; que não dá somente bachareis e conegos; que não trabalha só para sustentar o functionalismo e pagar juro ao estrangeiro; mas que tambem possui quem *faça livro*, na eminente expressão da palavra.

Com effeito, não se podia comprehender que uma região tão vasta, original, pujantemente variegada, onde trava-se a luta de tantas raças diferentes, não continuasse, por um processo de selecção natural, a produzir d'esses individuos que eternizam pela palavra a vida das nações.

Tivemos escriptores no tempo colonial. Assistimos ao convulsionar da revolução ro-

mantica. E agora, quando a Europa inteira reatava o fio tradicional da verdadeira Arte; quando enthronava a legitima dynastia intellectual apesar da viva guerra dos usurpadores; quando, pelo naturalismo, eutrava francamente nas avançadas da evolução litteraria; que fazia o Brazil, cujos povoadores tão cedo não poderão exibir-se de acompanhar o movimento europeu?

Lia o que vinha de lá.

* * *

Entretanto, si é que aspiramos ao grao de nação e de povo, a Europa estaria em todo o seu direito nos julgando assim a modo de uma senzala, um paiz *essencialmente agricola*; pois que era tal o nosso descuido e «falta de caracter» que, possuindo os mais profundos e operosos talentos, desdenhavamos tributar a estes a nossa attenção e o nosso obulo.

Ora, o publico brasileiro acabou de protestar contra a inercia e indifferença de que o acoimavam. E é preciso

que sejamos tambem gratos ao publico.

Mas tambem, que havia de elle fazer, si escriptores brasileiros tinham abusado? Si escriptores, longe de apresentarem-se lidadores fecundos pelo trabalho, como Jose de Alencar, mostravam-se fátuos e infusos de talento selvagem e infantilmente bobo; si escriptores, em vez de rebentarem do seio da nação, do turbilhão da vida, como Cervantes, Shakspeare, Stern, Goethe, Hugo, Balzac, Zola, Raimalho Ortigão, sabiam eras das academias com uma litteratura de caso pensado e uma idéa falsa das pessoas e das coisas da sua terra, encherando pelos olhos dos estrangeiros e hombreando-se audaciosamente, do primeiro impulso, com os grandes de lá?

A tudo aquillo deu lugar a desordem implantada pela phase romantica. Hoje, porém, ha indicios de orientação. O naturalismo, no seu rigor de observação, de experiencia, ligando intimamente a idéa com a forma, acatao a Sciencia, subordinando-se de todo á Arte, elevou o trabalho, o bom senso, o genio. e despresou a ociosidade dos parasitas que produzem um escripto como uma planta estéril dá uma linda flor infecunda.

E' por tudo isto que nos mostramos sumamente satisfeitos com as repetidas edicções d'*O Homem*. tomando novo folego para proseguir na espinhosa mas consoladora vida litteraria, vida de que a nação precisa necessariamente, e sem a qual bem poderia desengonçar-se este vastissimo territorio.

Mas a litteratura brasileira terá com effeito entrado pelo caminho do naturalismo? E o que vem a ser o naturalis-

mo ?

Esta pergunta é difficilima de responder, e tanto, que no proximo numero dedicaremos um artigo especial para tentar, si não de todo, ao menos em parte, dar uma idéa ao leitor.

GIL BERT.

O suicidio como consequencia da falta de convicção

O suicidio longe de ser a negação do querer viver, ao contrario é uma das affirmações mais energicas da vontade.

(SHOPENHAUER)

(Conclusão)

Na epocha que atravessamos, já o disse um nosso collega em umas notas esparsas em que se occupava do estado actual das litteraturas, a nota dominante da civilisação é o pessimismo. E eu por minha vez acrescento: e a causa primordial do pessimismo moderno é a falta de convicções.

Um notavel escriptor, autor de uma obra importante, *As Mentiras Convencionaes da Civilisação Contemporanea*, da qual se esgotaram na Alemanha em seis semanas tres grandes edicções, submettendo a um rigoroso exame o estado actual dos paizes civilisados, terminou estabelecendo o seguinte :

“A opposição entre os governos e os povos, a colera dos partidos uns contra os outros, a fermentação nas diferentes classes sociaes, tudo isso são manifestações da molestia geral da epocha.”

E em seguida acrescenta :

“Cada individuo sente um mal-estar, uma irritação que attribue, si não cogita da razão por meio da analyse, a mil causas accidentaes e sempre erroneas. E' impellido a censurar asperamente, quando não as condemna, todas as manifestações da vida social. Essa impaciencia que as impressões exteriores mais irritam e exasperam, uns a chamam nervosidade, outros pessimismo, outros ainda scepticismo.”

Depois, tratanto de indagar qual a causa d'esse estado moral intoleravel da humanidade, estabelece o mesmo escriptor, que tudo isso provém da mesma causa que inspirava aos romanos instruidos da decadencia, o desgosto em face do vacuo da vida, do qual acreditavam não poder livrar-se senão pelo suicidio.

“Esta causa, diz elle, é o contraste entre a nossa concepção do mundo e todas as manifestaões de nossa vida intellectual, social e politica. Cada uma das nossas acções está em contradicção com as nossas convicções e as desmentem. Um abyssmo intransitavel existe entre o que julgamos ser a verdade e as instituições tradicionaes em que somos obrigados a viver e obrar.”

A consequencia inevitavel desse estado critico das sociedades modernas, foi e não podia deixar de ser o pessimismo. Quando a sociedade fica reduzida a condições d'esta ordem, faz-se preciso que appareça o pessimismo como elemento de dissolução: só depois começa o espirito a encaminhar-se para a criação de um novo idéal. Tal é, justamente, o estado das sociedades modernas.

Quem primeiro soltou o grito de revolta, ou melhor, quem o soltou com resolução e firmeza, de maneira a dar um impulso irresistivel à marcha do pensamento, foi Shopenhauer, que foi beber o fundo de suas idéas na metaphysica sombria das velhas religiões asiaticas.

O grito de Shopenhauer repercutiu no mundo inteiro.

O mysterioso philosopho a quem M. Fichte chamou “um hypocondriaco” achou em toda parte corações capazes de comprehendel-o. Mesmo entre nós houve quem soubesse interpretar com fidelidade as suas idéas.

“Os estudos de historia do Ceará”, pelo Sr. Joaquim Catunda, são tambem uma repercussão do grito de Shopenhauer, augmentado pelas condições pessoas do auctor, seriamente revoltado contra as miserias reaes da nossa sociedade. O Sr. Catunda applicou ao nosso meio o mesmo criterio com que Shopenhauer julgou a humanidade e o mundo.

Resta, porem, indagar si semelhantes doutrinas constituem aquillo a que Lange chama “o thesouro duravel dos conhecimentos humanos.”

Francamente dizemos [que semelhante proposição é inteiramente inadmissivel: do contrario a consequencia logica e inevitavel seria o suicidio.

Com effeito, si a vida é uma serie de males, si o destino natural da humanidade é soffrer, acabar com a vida é acabar com o soffrimento, e, portanto, a morte deve ser o nosso idéal.

De outra maneira não se pode ser coerente, e sendo assim, é impossivel deixar de conhecer que Facó, Joaquim de Souza e Xilderico Faria tiveram razão.

O que ha, é que tiveram a comprehensão um pouco mais clara que os outros; não se deixaram cegar pelo prisma das illusões, não desfiguraram pelos sonhos brilhantes da

imaginação as scenas dolorosas da realidade: comprehenderam que a vida da humanidade é um inferno.

Felizmente a contemplação reflectida das scenas da natureza, considerada em suas revelações mais profundas, desmente a concepção pessimista do mundo.

O espirito consegue elevar-se acima do circulo estreito da realidade e se reestabelece das luctas da vida, subindo à região do idéal.

E' certo que a vida é uma serie de luctas. Por mais que se queira idealisar as condições da existencia, por mais favoraveis que sejam as disposições de quem quer que observe a marcha das cousas, não se pode deixar de confessar que a vida é um grande e vastissimo campo de batalha.

O principio de Darwim é rigorosamente verdadeiro: a vida é uma lucta constante, lucta do homem contra o absurdo e o despotismo da força bruta, lucta contra a fatalidade dos elementos, lucta do homem contra si mesmo.

De todos os lados levantam-se queixas interminaveis e em nenhuma parte a humanidade está contente de si.

Pode-se dizer que a vida é isto: de um lado as forças cegas da natureza, do outro lado o esforço do homem; de um lado o mecanismo fatal e a rigidez inflexivel dos elementos, do outro o movimento consciente e indefinido da intelligencia em lucta contra as agitações indomaveis da força. E o tempo se avança, as idades se vão successivamente passando, tudo caminha. Ninguem sabe de onde vem, ninguem sabe para onde vae.

Uma onda irresistivel desce do alto da grande montanha e tudo é inevitavelmente arrastado.

Cada geração que começa funda os seus arraiaes por cima das ruinas de uma geração que findou; e o mundo marcha, a humanidade se avança: tal é a linguagem da historia.

A historia justifica, portanto, o pensamento de Max Nordau, que sustenta a opinião de que o pessimismo tem base physiologica. Contudo ha no fundo mesmo dos factos que dão lugar a esta concepção um germen fecundo de bens.

O soffrimento tem tambem a sua significação e comprehendido em sua verdadeira essencia vê-se que tambem concorre para a harmonia geral.

Eu chego mesmo a affirmar que a dor é o elemento primordial do progresso: é pela dor que se conhece mal, é pela dor que se procura o bem. A dor é a mais poderosa alavanca da vida: é d'ella que nos vem o impulso que leva para o futuro.

Recorrer ao suicidio, como meio

de reagir contra a dor, é, pois, desconhecer a natureza das cousas: a dor ensina, a dor fortalece, a dor salva.

Alem d'isso é sempre embalde que nos lamentamos: o universo conserva-se indefinidamente o mesmo. Não arredamos uma palha sem que tenhamos de reconhecer que somos simples instrumentos de uma força desconhecida que envolve tudo. Não devemos nos considerar soberanos; apenas somos miseráveis escravos no grande laboratorio do mundo: e o principio e o fim da cadeia mysteriosa a que nos achamos ligados são absolutamente desconhecidos.

Todavia sentimos. Tudo parece estar fóra de nós, mas ha uma cousa que está dentro: é o nosso sentimento. Tal deve ser o unico interprete das nossas necessidades.

O que este sentimento nos revela é a tendencia para o melhor. Faz-se, pois, absolutamente indispensavel o esforço: cada um deve empregar os meios na altura de suas forças para remover o mal e para conseguir o bem.

A unica dedecção a tirar-se d'ahi é a necessidade que temos de trabalhar.

Hoje mais que nunca esta necessidade patenteia o seu grande poder.

As relações sociais se definem de uma maneira precisa e os diversos ramos da actividade humana giram dentro de uma esphera especial traçada pela natureza das cousas.

A industria, conforme a expressão de Theophilo Braga, vivificada pelas descobertas scientificas que transformam o meio cosmico e adaptando-o às necessidades humanas, realisa na sociedade a equação inilludivel entre a produção e o consumo, é uma das formas novas do poder destinado a substituir o poder espiritual dos dogmas que já não realisam o accordo das consciencias.

O trabalho torna-se, pois, uma força consciente e regeneradora; o quadro das aspirações do espirito humano se alarga; e o que sobretudo releva notar é que a applicação perseverante dos meios destinados a alargar o circulo da actividade, é o meio mais efficaç para a conservação do equilibrio moral.

E' d'ahi que vem a verdadeira fonte de felicidade.

A formula da moderna civilização deve, portanto, ser esta: trabalhem.

Tal é a unica medida de salvação contra a influencia pernicioso do pessimismo.

R. DE FARIAS BRITTO.

A volta das andorinhas

Estavam todos tres debruçados na janela, sem dizer palavra, olhando para a chuva. Eram elles: o poeta Antonico e dous pequenos, garrulos como os priquitinhos verdes que passam todas as manhãs.

E' escusado dizer que o Antonico occupava o meio, e que estava lendo, mas que o livro elle o tinha fechado entre os dedos da mão direita, e até, lembro-me bem, com o dedo indicador mettido entre as paginas para marcar o ponto da leitura.

Os pequenos reparavam para a agua barrenta que corria pelos dous lados da rua.

A correnteza trazia objectos sobre objectos, que elles iam notando...

—Olha uma casca de laranja... lá afundou... lá appareceu... topou n'um pedaço de pao atravessado... lá a correnteza carregou tudo...

—Espia como aquelle sapinho vem rolando com aquelle caco de cuiá...

Um d'elles soltou um—ai—admirativo e piedoso, muito prolongado e chamou a attenção do outro para uma barquinha de papel que vinha naufragando, subindo e descendo rapidamente as ondasinhas barrentas; a principio muito aprumada e dextra, parecida com uma arca de Noé em miniatura, depois um tanto pesada, lenta, pendendo para um lado... depois adornando mais.. e mais... até o papel ensopar de todo e a barca transformar-se n'uma simples folha de escripta..

—Lá vem um sano morto de bar-riga para o ar!

—E' uma gia!

—E' um cururu...

—E' uma gia...

—E'...

Pelas calçadas um bando de meninos ia de bica em bica apanhando o choque das grossas massas de agua.

O mais pequenito estava nuzinho... comprimia o peito com os braços, já com frio. Um atirava-se na coxia, contra a correnteza, que assoberbava e envolvia a cara n'uma onda suja por onde o disco passava precipitadamente. Outro atirava pauladas á agua, que espirrava para os lados...

Os dous pequenos gostavam de ver aquillo, com inveja porque o pae não os deixava fazer o mesmo.

O Antonico, porem, como a casa vizinha era de beiraes, á antiga, aprazia-se era com os innumerios fios d'agua cadente das goteiras, para esse lado. Gostava de ver aquella linha de cordõesinhos de crystal fundido, arrebatando-se na calçada, fazendo saltar das poças umas grinaldazinhas de grossos pingos trans-

lucidos e ephémeros. Os pingos boiavam á tona por instantes, —bo-lhas animadas, umas aguas-vivas, —caminhavam para a margem onde affogavam-se para sempre, uns atraz dos outros, cobrindo assim de empolas brevissimas a face tremulada da agua das calçadas, de parceria com os bagos da chuva, que irriçavam todo o solo.

O facto é que todos tres sentiam-se bem, satisfeitos, deliciosamente commovidos, respirando aquelle arzinho penetrante e repassado de fina frescura, recebendo aquella zoadá que parecia entrar pelos poros, vendo, com os olhos, aquillo que a gente parecia até haver esquecido como era e como não era:—as chuvas.

Com effeito, os meninos só conheciam as estações pelo prisma horroroso do 77, e um d'elles quasi perguntava si aquillo é que se chamava inverno.

A chuva era assim um espectáculo novo, surpreendente, fora dos habitos de uns tres annos atraz.

Rua abaixo, rua acima, olhares ávidos se demoravam contemplativos, e a cidade, cheia de si, parecia estar toda por traz das vidraças, nas rótulas, nos peitoris mais resguardados; nos alpendres, nas varandas, como si um Messias em domingo de Ramos surgisse de toda parte. As côres avultavam lavadinhas de seu. O som percorria o ar com uma limpeza de pennas de ave que não conhece grilhões. E o philosopho incrédulo, por instincto de gratidão á natureza, propunha a si mesmo a Omnipotencia de quem quer que fosse, timorato e crente pelo effeito apenas de um momento de felicidade.

A agua ia minando alegremente todas as coisas, enchurrando estenua.

Havia uma zoadá hilariante sobre um fundo silencioso.

..

A' noite, os que passavam dos vinte annos recordavam-se então do nosso tempo, ao ver-se reproduzidos pelos descuidosos marotinhos que fazem palacios de areia molhada, na coxia; que da mesma areia erigem curraes onde mettem ossinhos de pé de hoi fazendo de conta que são bois vivos; que constroem fornos de padeiro na forma do pé e põem-lhe dentro uma luz á guiza de brazido; que levantam fortificações para bombardear a tiro de roqueira com bolas de cortiça... esses marotinhos, que jogam a ponga, o firo, o pião, as castanhas, os buzios, o papagaio, a onça, o burro; que fumam cigarros de papel de embrulho, rufam nas latas e nos bahús, modulam em clarinetos de carrapateira e em flautas de mãmão, que pedem vintem, que arranjam mialheiro de

barro ou de caixa de charuto, e que aborrecem, como nós, a dura necessidade, n'aquella doce inconstancia da meninice!

Quantos d'elles não cumprimentam a vocês, que já são pessoas sérias, com o engenhoso nome de papae?

Era na verdade um cunho de renascimento o que se divisava. A gente se fazia criança. A homens sisudos vimos cantarolando, malucos de satisfação. Tudo se transfigurava com a idéa do bom inverno, leetimo El-dorado nosso.

E o Antonico, para exprimir o sentimento, as sensações que sofria e gosava n'aquelles momentos, sentou-se à banca, entre os dois amiguinhos que estavam sempre a fazer perguntas, e começou a ver-sejar sob a seguinte imagem e titulo: *A volta das andorinhas.*

OLIVEIRA PAIVA.

A PROPOSITO DE UMA ANECDOTA

Todas as manhãs a Sra. de Seget, nobre condessa, costumava demorar-se alguns instantes na janella de seu gabinete, aspirando o perfume que se desprendia da verde trepadeira de *madre-silvas*, que, em espiraes, envolvia duas palmeiras plantadas em seu jardim.

Na vizinhança do palacete dos condes moravam alguns estudantes, dos quaes, um, o Jayme, moreno e elegante, tinha a sombrear-lhe o labio superior e a esconder-lhe os alves dentes um negro bigode.

A's mesmas horas em que a nobre senhora de Seget costumava renovar o ar de seus pulmões e sorvia mais facilmente o oxygeno carregado do azoto, que se desprendia da frondosa vegetação do parque, a essas mesmas horas, os estudantes costumavam tambem conversar reunidos, á sacada do seu sobrado.

O Jayme tinha-se em conta

do conquistador; ria-se, gritava, chorava..., enfim, fazia tudo para prender a attenção da formosa e joven condessa, mas sempre em vão.

De uma vez, teve uma idéa maravilhosa:—contar anedoctas.

D'ahi por diante sua unica occupação era, nas bibliothecas, procurar em velhos almanaks anedoctas picantes e apimentadas, que arrancassem o riso e ao mesmo tempo excitassem a imaginação de quem as ouvisse.

Por mais espirituoso que fosse o nosso estudante e as suas anedoctas, ainda não havia conseguido arrancar dos labios da condessa o mais leve sorriso; esta, sempre serena e altiva, ouvia-lhe com uma fleugma e desattenção prodigiosas.

Um dia, porem, contava elle uma anedocta a proposito de Balzac, cheia de verve e de espirito. A condessa ouviu-o e de seus labios rebentou uma gargalhada estridente e argentina. Riu a bom rir, abertamente, e o seu entusiasmo chegou a ponto de n'aquella noite convidar o estudante para o seu chá.

A's nove horas, avisada pelo lacaio, foi a condessa receber ao jovem.

Após a apresentação do estylo seguiu-se animada conversa entre a condessa e alguns convivas, enquanto que outros, reunidos ao Sr. de Seget, jogavam o *voltarete*.

A profusão de luz espalhada pelo elegante salão dava aos ricos moveis o tom de nobreza que caracterisava aos condes.

A senhora de Seget, amavel e de fina educação, procurou ser agradavel o mais

possivel ao nosso estudante, que julgou ver n'essa delicadoza a acceitação tacita de seu amor imperioso e revoltante.

No dia seguinte recebia a condessa uma cartinha perfumosa, escripta em papel *miignon*, em que Jayme lhe pedia uma entrevista.

Ao ler a carta uma onda de sangue banhoulhe a face altiva e bella; mas, voltandolhe a calma, pelo orgulho ofendido, sorriu e disse ao lacaio:

—Diga-lhe que ás 11 horas o espero; que seja pontual.

A's horas marcadas era introduzido nos aposentos particulares da Sra. de Seget, o nosso estudante, que, de joelho a seus pés, lhe fazia a ardente confissão de seus amores.

Nas faces da condessa, pallidas como a cêra, esbatiam-se os raios da luz amortecida que derramava uma vella de stearina collocada sobre uma meza redonda, de ebano, com incrustações de marfim em arabesco.

Os seus cabellos negros e cheios de ligeiras ondulações, tinham «o bello reflexo da aza do corvo», esbatida pelos ardentes raios do sol.

Emquanto Jayme ajoelhado, fallava, a condessa conservou-se de pé, mollemente recostada a seu guarda-vestidos. O que em seu coração se passou n'aquelle momento ninguem o poderia dizer.

Jayme tomoulhe uma das mãos frias e delicadas; quando ia leval-a aos labios, a condessa despertou d'esse sonho que a prostara, pelo ruido do portão que girou nos gonzos

e o trote da parelha que tirava a carruagem do conde.

—Meu marido e o senhor aqui, disse friamente a condessa. Acompanhe-me; e, seguindo para a casa de jantar, fez-o esconder-se na parte inferior do armario que apressadamente abriu.

* * *

—Boa noite, condessa. Admiro-me encontrar-a aqui a estas horas, disse o conde sorrindo.

—E' que tive desejo de servir-me de um pouco de queijo e vim ver si encontrava,—replicou a condessa esforçando-se por mostrar a calma habitual.

—Não encontraste?

—Não....

Queres fazer uma aposta, conde vamos...vêr quem paga o queijo,—disse a condessa sorrindo amavelmente.

—Vamos.

—Pois bem, pagará o queijo aquelle que primeiro falar na chave do armario.

—Sim, replicou o conde deixando sahir de seus labios o fumo de um delicioso havana.

—Bem, observou a condessa cingindo brandamente a cintura do conde e depositando em seus labios um ardente beijo, senta-te aqui, vou contar-te uma interessante aventura que se deu hoje commigo.

E começou:

«Aquelle estudante que esteve hontem aqui... escreveu-me hoje pedindo uma entrevista.

—O que dizes?!?

—E' verdade. Dei-lh'a, elle veio e...

—E o que?

—Prendi-o alli no armario.

—Que é da chave? perguntou o conde levantando-se pre-

ciptado.

—Paga o queijo, replicou a condessa sorrindo gostosamente.

—Tens espirito, condessa, e só assim me ganharias a aposta, disse meigamente o conde, entrando para os seus aposentos.

A condessa dirigiu-se ao armario e fez sahir o estudante, que pallido e assustado ouvira a scena que se acabava de passar.

E disse-lhe alegremente:

—A's suas anedoctas, senhor, junte mais essa que acabou de ouvir... e não torne a tomar a delicadeza de uma senhora por uma correspondencia de amores.

Dezembro de 87.

SYLVIO.



PELO MUNDO ARTISTICO

Acaba de ser exposto á venda em Paris um livro curiosissimo. Intitula-se: «A verdade sobre a Dama das Camélias.» O auctor, o sr. Romain Vienne, foi o confidente e amigo de Maria Duplessis.

Parece que o livro contém revelações curiosissimas e allusões a pessoas muito conhecidas na alta sociedade parisiense.

A associação dos escriptores de Paris solemnizando o seu cincoentenario, expoz a publico o novo livro «Histoire de la Société des gens de lettres» de Eduardo Montagne, delegado do «comité». A obra é prefaciada por Jules Claretie.

Fernando Caldeira e Gervasio Lobato concluíram uma comedia original em 4 actos, intitulada *As medicos*, que devia ser representada no Gymnasio de Lisboa.

A livraria Charpentier acaba de expôr no grande mercado europeu o tão discutido romance de Zolá, anteriormente publicado em folhetins do «Gil Blas»: *La Torre*.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Para facilitar a popularisação d'A QUINZENA resolvemos reduzir o preço da assignatura a 6\$000 por anno, tanto para a capital como para o interior e provincias.

Todos os negocios da empresa tratam-se com o respectivo gerente, M. de Oliveira Paiva, thezoureiro do *Club Litterario*.

Pedimos aos Srs. assignantes que, por especial obsequio, tragam ao conhecimento da administração da folha qualquer falta na entrega da mesma e as reclamações que entenderem a bem de seu direito.



AVISO

Aos Srs. assignantes d'A QUINZENA e a quaesquer pessoas que tenham negocios com a empresa avisa-se que a administração da mesma passou ao abaixo assignado, thezoureiro do *Club Litterario*.

Fortaleza 15 de Janeiro de 1888.

Manoel d'Oliveira Paiva.

ANNUNCIOS

COLLEGIO

DE

Santa Rosa de Lima

situado no saudavel suburbio do Bemfica, servido pela linha de bonds.

As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro proximo.

Recebem-se alumnas externas, semi-internas e internas.

Ensino pelos methodos mais modernos.

O programma e condições de admissão serão publicados no «Libertador».

A directora,

Julia Amaral.

CURSO DE FRANCEZ

A partir do dia 15 do corrente recommençará o curso de francez theorico e pratico de Mr. de Viremont, em casas particulares e na residencia do mesmo.

A tratar á rua Formosa n.º 25 ou no escriptorio do «Libertador».

Fortaleza 14 de Janeiro de 1888.

PVSSEIO PUBLICO

As corridas de cavallinhos são d'ora em diante aos

DOMINGOS,

TERÇAS,

QUINTAS E

Sabbados

Das 5 horas da tarde ás 9 da noite.

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para—USO DOMESTICO.

Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para creanças.

Artigos para jogos, utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59—Rua do Major Facundo—59

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria

Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MEREA 15A

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa—72

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 34

Obras feitas, batinas, capas de matas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos Compram sempre ouro velho e moedas.

CEARA'

0—RUA DO MAJOR FACUNDO—70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmerno, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,—especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 2

FORTALEZA, 31 DE JANEIRO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
Os genios. — J. DE SERPA ;
Phases. — B. J. ;
A volta das andorinhas. — ANTONIO SALLES ;
O que vem a ser uma obra naturalista. — GIL BERT ;
A encrusilhada. — BRUNO JACY ;
Ao cahir da tarde. — OLIVEIRA PAIVA ;
Recibos ;
Pelo mundo artistico ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 6\$000
Semestre 4\$000

Não se aceitam assignaturas por menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 34

OS GENIOS

A theoria da evolução, apoiada sobre um certo numero de factos geraes, adquiridos pela experiencia e observação, estabeleceu, *en fait d'hérédité*, como axioma fundamental, o seguinte: «*le semblable produit le semblable*» (1)

Mas, por mais defensavel que seja a affirmação d'essa lei physiologica, está demonstrado que ella não comprehende todos os seres, ou an-

(1) E. Ferrière, *Le Darwinisme*, pag. 12.

tes que não é rigorosamente exacta, applicada á especie humana.

Effectivamente ha uma classe de homens que escapam absolutamente á acção das leis genealogicas. A este respeito diz Max Nordau (2): «o genio, e mesmo o talento pouco vulgar, não tem avós, são e conservam-se strictamente individuaes ; apparecem e desapparecem repentinamente em uma familia. Não conheço exemplo algum que elles sejam, como as vantagens corporaes, transmitidas aos descendentes com augmento, nem mesmo com força igual.

«Ainda mais : os homens de grande talento em geral não têm posteridade, ou, si têm tilhos, são fracos, doentios e menos viaveis que a media dos homens.»

Não é aceitavel, como factalmente verdadeiro, o principio de que os meritos intellectuaes não se transmitem por herança, como pensa o escriptor allemão; mas o que é indubitavel é que a lei physiologica — *le semblable produit le semblable* — sofre uma excepção, que está ao alcance de todos, quando se trata dos homens de genio

«Si les aptitudes intellectuelles n'étaient pas susceptibles de transmission», diz Le Bon, «l'intelligence hu-

(2) *Mentiras Convencionaes da nossa Civilização*, pag. 137.

maine n'eût jamais progressé» (3) Mas, por outro lado, si o genio se transmitisse por herança, como a estatura elegante, a força muscular e a belleza physica, diz Max Nordau, haveria então, entre o povo, uma pequena classe de Shakspeares, de Goethes, de Schillers, de Heines, de Humboldts ; e entre essa classe e a grande massa a distancia seria enorme.

«A primeira tornar-se ia sempre mais estranha á segunda ; não poderia supportar as condições geraes da existencia.» (4)

Deste encontro de opiniões resulta que o axioma é aceitavel, mas com alguma limitação, e que á acção da grande lei da hereditariedade escapam os homens de genio, os seres privilegiados. Neste ponto, nos parece, a verdade está do lado de Max Nordau. Ha exemplos em apoio d'uma e d'outra theoria ; mas a do escriptor allemão tem em seu favor o facto de serem ainda muito raros os genios e os herões. Ninguém conhece uma familia de genios. E é por isso, é porque são muito raros, que a humanidade tem ainda tanto culto por elles. A vulgaridade, por mais respeitavel que seja, não se impõe a uma adoração.

(3) *L'homme et les sociétés*, Vol. 1.º pag. 181.

(4) *Ob. cit.*, pag. 138.

Mas, admittida a theoria darwinica com a limitação de Max Nordau, apparece uma outra questão—de igual importancia—a causa d'esse phenomeno. O que o determina? Como explicá-lo scientificamente?

Diz o escriptor allemão:

«O genio despende tal somma de força organica para manifestar-se, que nenhuma mais lhe fica para a reproducção. Curiosa divisão do trabalho da raça humana! Os homens vulgares têm de occupar-se da conservação material de sua especie, os grandes espiritos de velar simplesmente pelos progressos do desenvolvimento intellectual.

«Não se produz ao mesmo tempo idéas e filhos. O genio é uma rosa de cem folhas, esplendida, porem estéril, é o typo mais perfeito da especie, que attingiu desenvolvimento exagerado, mas impróprio á reproducção directa.»

É poetica, e até certo ponto receptivel a explicação; mas achamol-a pouco scientifica.

Cumpre tirar a limpo a questão mais ao clarão da sciencia.

J. DE SERPA.

PHASES

Era uma candida creança, cheia
De tons suaves, divinaes, ethereos,
Loura visão a prometter mysterios
De insondavel amor.

Eu desejei-a.

Fizera-se mulher; me arrebatava
Em transportes de amor e de ternura
Para um Edende célica ventura
De insondavel amor.

Eu a amava.

Com santo affecto, as cabecinhas
(d'ouro

Ella amima, solícita, enlevada,
Em luminoso efflúvio mergulhada
É a mãe de meus filhos.

Eu a adoro.

1887.

B. J.

A VOLTA DAS ANDORINHAS

A OLIVEIRA PAIVA

Dias antes o sol sanhudo e encandescente
Havia fulminado inexoravelmente
Com seu olhar de fogo a vastidão do solo;
Beijara doidamente o enfebrecido collo
Da serraania adusta, e andara pelos montes
Sugando a ultima gotta às desoladas fontes;
Roubara de um só trago as perolas do orvalho
A' descorada flor; pozera em cada galho
Um gesto de terror e desespero... Enchera
De dor e de nudez a altiva cajaseira
De folhagem despida; a amarelenta graminha
Parecia um lençol intermino de chanima,
Fumegante, a ondular pela planicie afóra...

Mas que transformação e que mudança agora!
Que frescura do espaço e que harmonia ingente!
Ai como tudo canta e ri gostosamente!
Do céu, qual de uma taça azul, de porcellana,
Enorme, um sol bondoso e louro se espadana
Sobre a floresta e o mar e o rio e o valle e a serra,
—Dourado elo de amor unindo o céu à terra.
Foi-se o fulvo rancor do seu olhar radiante;
Agora elle é o fiel, o estremeado amante
Da natureza, e tem um riso dulçuroso
Que inunda de ebriez, de um amavel gozo,
De caricias gentis a terra e os corações...

Rejuvenesce o campo: em niveos borhotões,
Atravessando a estrada, o murmuro regato
Occulta-se, a gemer, na densidão do matto.
Ha pegadas de chuva impressas sobre a areia,
E pela varzea afóra o gado pinoteia
E muge festival. Tudo renasce! As cores
Das alfombras, do ceo, das pedras e das flores
Tem uma nitidez esplendida e vibrante.
O velho lavrador, feliz, risonho, diante
Do pujante esplendor da natureza, sente
Um raio de esperança encher-o, e, anciosamente,
Voa ao roçado e cava. Eis plantado o legume,
—Um penhor de abundancia!

Em célere cardume

As borboletas vão, insoffregas, acesas
N'uma sede de aroma, a voar pelas devezas,
Confundindo o matiz das azas irrequietas
A's flores do vergel—immoveis borboletas...
Ha orgias de sons e luz pela espessura;
E, longe, os urubús adejam pela altura
—Negros traços subtis na tela da amplidão...
Mais abaixo deslisa a placida legião
Dos maranhões; descubro agora uma andorinha
Pousada no beiral ondeado da casinha
E uma outra a recortar garbosamente os ares...

Assim como a andorinha aos nossos doces lares
Voltou de novo, após saudosa romaria
Que fez, quando uma dor terrifica pungia
Este amado torrão, e agora o espaço crusa
E pousa nos beirões; também a minha musa,
—Que vive do verdor das esperanças minhas,
Saudosa regressou: voltou com as andorinhas!...

ANTONIO SALLES.

O que vem a ser uma obra naturalista ?

Os leitores não estranhem a pergunta. O Sr. Aluizio Azevedo escreveu no portico d'*O Homem* que as pessoas que não tivessem uma idéa clara sobre o naturalismo não lessem o seu livro. Ora, o dito livro teve e continua a ter successo. É preciso, pois, que a gente se entenda, que cada qual compareça e se pronuncie sem rodeios, sem flaccidez, sem dialectica,

Antes, pois, de proferir sequer uma palavra acerca d'*O Homem*, vejamos si temos idéa clara e segura do que é uma obra naturalista. Avisa-se aos leitores que ignoramos si estamos ou não na via certa. A nossa funcção é simplesmente dar depoimento do que havemos sentido, observado e experimentado.

* *

Primeiro que tudo folheemos o volumezito dos *Pensamentos sobre a interpretação da natureza*, do immortal Diderot; e sigamos a galgar um ponto de vista d'onde se abranja com segurança e sem illusões de optica o campo da arte.

Diz o sympathico Diderot :

«As produções da arte serão communs, imperfeitas e fracas emquanto não nos propozermos a uma imitação mais rigorosa da natureza.»

Mas em que consiste esta imitação rigorosa da natureza ? — dizemos nós. Será em copiar factos, pessoas e coisas ?

Citemos ainda um trecho do auctor da *Encyclopedia* :

«A natureza é tenaz e lenta nas suas operações. Si é preciso affastar, approximar,

unir, dividir, amolgar, condensar, enrijar, liquefazer, dissolver, assimilar, ella prosegue no seu intento pelas mais insensíveis gradações.

«A arte, ao contrario, se apressa, afadiga e cansa.

«A natureza leva seculos a preparar grosseiramente os metaes; a arte propõe-se a aperfeiçoal-os em um dia.

«A natureza emprega seculos em formar as pedras preciosas; a arte pretende contrafazel-os em um momento.»

A imitação rigorosa da natureza é, portanto, não sómente copiar, mas produzir, proceder, crear no rigor das leis naturaes.

Uma obra naturalista é como um fructo completamente sasonado, que presuppõe uma serie de phenomenos perfeitamente realisados, sem teratologia, sem influencia extranha.

O naturalismo é uma arte vasta, indefinida. Ninguém poderá jactar se de ser naturalista, do mesmo modo que ninguém dirá :—eu sou sabio;—porque não se trata de escolas, nem de systema. Seria uma immodestia.

Os artistas que se apegam de preferencia á imaginação esses podem dizer e obrar o que quizerem porque não têm responsabilidade. Mas os que preferem abysmar se durante a vida inteira no seio da Creação e d'ahi prescrutando as infinitas e immutaveis leis, fazer sentir aos seus semelhantes a belleza suprema da verdade, na tendencia continua para o real, para o inatingivel, esses têm o que perder. Quando elles deitam uma obra ao mundo, são encarados como si um mundo lhes cahisse das mãos, creado, na incomparavel expressão biblica, á sua ima-

gem e semelhança.

A tendencia universal da Arte é o naturalismo. Mas o artista para penetrar na natureza tem de atravessar a sociedade que o produziu.

Quando devo, pois, dizer que uma obra é naturalista ?

Cada qual faça como quizer, mas procedo é pelo modo seguinte :

Sem me importar com o molde do livro, entro na leitura como se me aventurasse a uma excursão minuciosa, a percorrer, por exemplo, uma floresta que me interesse até pelos seres infinitesimos, ou a visitar, no character de policial, uma casa onde se deu um crime que se o culta, si canso, volto. Depois, torno.

Faço por ler o livro, guardadas as proporções do tempo, mais ou menos com elle foi escripto. Começo a viver multiplicadamente com os personagens, e sobretudo, a me apaixonar, com o auctor a quem encontro de vez emquando, — pela natureza que elle pinta. E assim vou indo. E, si, depois de lêr a ultima palavra, meditando sobre aquelles dias de convivencia impalpavel, eu não soffrer um vacuo nas minhas idéas; si me sentir cheio de natureza e de verdade, e fôr direitinho á concepção do auctor, como pela fresta coada pelo telhado lobrigo o disco do sol, então me curvo perante o auctor do livro, que é mais um Deus que creou um novo cosmos para a minha intelligencia e para o meu sentimento, e digo que li uma obra naturalista

GIL BERT.

A ENCRUSILHADA

Meu Deus! um momento só de felicidade não é bastante para uma vida inteira?

TH. DOSTOIEVSKY.

Diversas vezes passei com elle por aquella encrusilhada e sempre via illuminar-lhe a face um ligeiro sorriso, e ficava pensativo como que embevecido em uma grata recordação.

Era fóra de duvida que elle experimentava, passando alli, alguma doce emoção, ou recordava-se de algum episodio feliz, talvez uma dessas venturas momentaneas e inenarraveis da estação dos amores.

Não me foi preciso ser indiscreto: elle antecipou-se. Uma vez como passassemos alli, transbordou n'elle a emoção; teve necessidade de expaudir-se.

E contou-me.

Ainda muito moço, andando na floresta, perdêra-se.

Debalde procurou por muito tempo um trilho, uma vereda, que o encaminhasse. Gritou: era completa a solidão. Algumas vezes respondia-lhe da copa de uma arvore uma gargalhada estridente, sarcastica. E elle estremeia assustado, embora fosse-lhe familiar o grito d'aquella ave. A espessura do arvoredado, as nuvens e as dificuldades da marcha por lugares cheios de obstaculos faziam-lhe perder o rumo.

Extenuado de todo, com os vestidos dilacerados, o corpo todo ensanguentado, cahira por fim. A fome e a fadiga tolhiam-lhe os movimentos; a sede fazia-o enlouquecer.

Revelára-se-lhe então bem claramente a exuberancia

de vida, que a floresta encerrava. Por todos os lados rodeava-o a vida. Alli, adiante, em cada ponto havia uma luta e havia uma victoria.

Milhares de seres insignificantes hauriam forças á custa de outros seres ou daquela mesma natureza, tão hostil para elle.

E elle, o homem, era inerte, era prestes a succumbir.

A noite aggravava todos os soffrimentos. Silvos, piados, rugidos enchiam-no de terror.

E no delirio via feras horriveis e reptis asquerosos, ameaçadores junto de si. A sua propria imaginação era-lhe adversa.

Fôra encontrado quasi moribundo depois de soffrimentos incriveis.

Elle contava naturalmente, calmo, fertil em minudencias.

Referia os soffrimentos como si fosse cousa costumeira, trivial.

Concluiu, imperturbavel, impassivel, sem revelar emoção, a narrativa daquella triste aventura.

Depois, fez uma pausa como reconcentrando-se.

Eu estava pasmado. Acreditava sempre que fosse muito grata a recordação evocada por aquelle lugar e em vez de um feliz episodio de amores acabava de ouvir uma desagradavel aventura de caça,

Mas de novo o sorriso costumado enflorou-lhe os labios. O enleio, o embevecimento, que tantas vezes eu notára reappareceu.

E elle continuou

Muitos annos depois tornára a passar alli. Não estava só. Conchegava-se a elle

uma gentil e risonha companheira, que tagarellava e trinaava sempre vivida e alegre.

De proposito levou-a a aquelle ponto e, alli, referiu-lhe a mesma historia que acabava de contar-me.

Ella commoveu-se; entristeceu e d'ahi a pouco, borbulhando antes de lagrimas os olhos, cobria-o de caricias, alli mesmo, onde elle cahira outrora agonisante.

Desde então a recordação dos soffrimentos lhe era doce. Aquelle momento feliz resgatara tantas horas de torturas cruciantes. Era só elle que revevia na memoria do desgraçado.

E como não ser assim, si os soffrimentos são constantes e os momentos de ventura são tão raros!...

BRUNO JACY.

Ao cair da tarde

Paramentado com roupas de cerimonia, elle assentava, todo envergado em um frak apertadinho, sem folego, cogitativo, mettendo no bolso a pontinha do dedo enluvado, teso como um soldado espalhafatoso, fóra dos seus habitos, no fundo do carro.

Subia-lhe ao nariz o cheiro da roupa preta archivada, e a essencia do lenço que entumecia-lhe o peito esquerdo. Só tinha pena era de uma coisa: ter deixado de fumar! — porque justamente o complemento q' faltava ao seu aprumo era o charuto, o fino charuto foito para ornar o queixo admiravel de um rapaz que se julga feliz.

Porém, sonhores, elle não se julgava feliz; ou, para fal-

lar verdade, não se julgava cousa nonhuma.

O que elle sentia era assim como a bocca da noite de um primeiro amor. Não julgava nada, sentia-se dormente, aspirativo, com disposições para chorar, com tanto que houvesse esperanças de rir ao depois. Ai como ardia por um risosinho! Mas a sua goéla, entupida por uma laryngite inimiga do bom tom, o obrigava a uma seriedade extranha. Como seria bom soltar uma gargalhada! Como não seria satisfactorio conversar!

Havia só dous sentides por onde elle podia communicar-se com o mundo das commoções: a vista e o ouvido.

* * *

Estava como uma pipa esvasiada...

Passavam casas de amarello, de branco, de azul, edificações em preto, espaços de muro, pompudos arvoredos de praças, passeios trilhados por gente domingã, e longinquos casebres de arrabaldes lá no topo esbatido das ruas... Lembro-me bem da cara que lhe fez uma creoula que ia pelo calçamento com os seus alvos dentes nas feições negras, mais alegre do que elle, como si ella tambem estivesse a sentir modorrentamente os embalões da carruagem... O ruido das rodas nas pedras o adormentava... Adiante um rapaz e uma rapariga os encararam como si elles, em vez de carro a descoberto, fossem debruçados pela portinhola... O seu pouco habito d'essas coisas, a bisbilhotice de terra pequena, tudo o convencia de que ia n'uma evidencia extraordinaria... Foi preciso abrir o guarda-sol para amparar contra o poente o rosto de seu velho amigo, e elle ficou na illusão

de que ia com a umbella cobrindo o viatico... As habitações fugiam atadas umas nas outras... O ambiente refrescava, e o céu se alargava como uma enorme colcha azul com pinturas cor de leite e de cinza e de laranja...

As impulsões das molas sacudiam, apparavam, pendiam-no para um lado, sobre o coxim, com umas sensações de carnes abundantes... Foi arrojado a admittir que em vez de um velho tinha a seu lado uma donzella casquilha...

O cocheiro perguntou si parava no cemiterio. O velho disse que sim.

Por entre um alvo collo dos morros se apresentava o enorme lombo do mar azul. Via-se os trilhos do camiinho de ferro escapando-se por entre a garganta vermelha de uma duna rasgada até á raiz... N'uma encosta polvilhada de pequenos mattinhos assentava uma palhoça, d'onde um camiinho obliquo vinha pela areia abaixo, e subia um pequeno andrajoso conduzindo um pote d'agua.

Para o lado de terra branqueava lá no fim de uma avenida depovoada uma egrejiinha nitente... espalhava-se a superficie dos mattos... recortava-se o dorso das serras onde umas nuvens pareciam estar pregadas, e sentia-se os ultimos pestanejamentos do sol. O matiz das orgulhosas copas dos coqueiros, na infinidade verde, com o seu cunho de cultura impingiam-lhes a idéa de que se approximavam de povoados. O velho sorriu como si o aconchegassem á sua terra..

Desejava virar n'um gigante para andar por cima dos mattos como em um relvado, na ôquidão d'aquelle céu, no saudoso d'aquelles grupos de serras, a lobrigar o sol que se

sumia espirrando jactos por entre os vapores, semelhante a uma metralha no momento critico do estoiro...

Abriu-se, n'uma alvenaria caiada, o alto portão do cemiterio.

Uma calçada larga, de tijollos vermelhos, convidou-os a penetrar... Como uma enorme guarita branca, alli erguia-se a capella... O sacristão, na attitude de quem ruma o café do pospasto, conversava com uns amigos no cordão da alta calçada com as pernas penduradas, batendo alternativamente com os tacões n'um epitaphio... Os camiinhos abriam-se entre as obras de marmore, entre as cruces, entre os gradis, entre os pequenos tumulos de alvenaria. O chão ia em declive para dentro. Já estavamos longe dos tumulos do General Sampaio, onde a patria chora sobre uma urna, e do Senador Pompeu, onde uma figura, no topo, encara os horisontes.

Uma floresta de cajueiros e acacias subia de uma floresta de cruces pretas traçadas de letreiros brancos... Muito longe passava a fitinha do muro do fundo... Entramos a arrodar a base da capella, um prisma gigantesco, com duas ordens de sepulturas onde se mettem os esquifes como se fossem gavetas...

—Aqui jaz...

—Conheci este, era um excellento cantor.

—E ..

Uma creança reparava para o coveiro, que ia lá por junto das catacumbas do muro, com a enchada ao hombro e uma cambada de peixes na outra mão.

—Estas perpetuas já estão apodrecendo pela chuva..

As photographias occupando o centro das corôas de perpetuas resguardadas por umas

ovaes de flandres envidraçadas, traziam-lhe á idéa aquelles mortos como si elles fossem apenas ausentes ..

Um recinto reservado isolava o repouso eterno de umas freiras...

E como uma enorme pansa, a areia suja upava no abaulado de uma sepultura fresca.

—Aqui estão virgens, meu velho !

Eu moço bateu-lhe no hombro.

—N'estes corações o amor não alevantou os vapores negros da sua fornalha.

O velho a modos que consultou o proprio coração. E como se fora myope, seguiu passando a mão de epitaphio em epitaphio... Ora lia, ora adivinhava as lettras apagadas... uma simples parede, mais ou menos lisa, e até bem adornada... era agradável...

* * *

A mão entrou e os olhos recuarain. Como uma bocca que quer chupar abria-se uma catacumba no muro, subitamente, a unica desoccupada.

—Accaso algum de nós virá encher-a ?!...

Arripiaram os cabellos .. e o rapaz sentiu-se dentro de um esquivo... entrando por aquelle buraco apertado...

Ouvia o ranger do pinho, a falla e o serio dos coveiros, o silencio doloroso dos amigos, e, mais tarde, já estando lá dentro, o barro frio, frescal, bem amassado, a estender-se maciamente, o cabo da colher do pedreiro batendo surdo a acertar a fiada, e o gume cortando no ar um tijollo para dar na forma arqueada da bocca... O pedreiro botou o ultimo tijollo que foi um pedacinho, com uma pitadade barro.. E ficou o interior escuro, abafado, e o morto sentia de si

mesmo um cheiro insuportavel. Estava a espera que chegassem os senhores vernies. No dia seguinte veriam rebocar a parede, no outro cair, no outro escrever o epitaphio...

—Aqui jaz...

O seu coração inchava e parecia occupar a catacumba inteira...

* * *

O velho puxou-lhe pela aba do frak, estendendo um olhar indicador para um grupo de moças que arroteavam um pequeno mausoleu plantado de semprevivas...

Tinha cesapparecido o doloroso sonho de morte e vinham os bons idéaes de borboleta.

As donzellas vinham para elles.

Houve uma fulminação reproca de olhares...

A catacumba vasia, bem como o coração bohemio do inancebo voltaram ás suas naturaes proporções de casas de aluguel.

OLIVEIRA PAIVA.



Recibos

—N.º 157 e 158, d'A *Semana*. Rio.

Fallando com franqueza, parece que esta gazeta litteraria desde que o Valentim largou-a está sendo escripta sómente de collaboração, e não por uma redacção. E' assim que se pode explicar a exquisite d'aquella turba-multa de artigos e poesias onde se vê a profnndez critica do Sr. Araripe Junior e a levesa da nova casaca do Sr. Silvio Romero, a sobresahir d'entre uns escriptos já de pennas exercitadas já de verdadeiros estreitantes.

Desde que *A Semana* en-

tendeu augmentar de formato que desappareceu aquella correcção, aquella verve, aquelle pulso masculino que foi o seu successo. D'ahi veio até a mudar completamente de proprietario e de redactores.

Comprehendemos perfeitamente o novo programma, que está nas novas idéas do Sr. Silvio Romero. Mas, em nome d'essas mesmas idéas patrioticas, atrevemo-nos a reclamar mais um pouco de selecção—o que não é incompativel com a advocação dos interesses de uma litteratura genuinamente brasileira.

—N.º 3 da *Revista da Familia Academica*.

Os alumnos da Escola Militar, do Rio, costumam ter sempre uma revista, mais scientifica do que litteraria, onde nos dão bellos escriptos sobre philosophia positiva e mathematica, poesias, o critica.

São redactores do novo periodico os Srs, Athayde Junior, Servilio Gonçalves, Edmundo do Barros, que já foram armados cavalleiros para as lides litterarias. Benjamim Liberato Barroso e Candido Mariano da Silva, que, parece-nos, incumbem-se da parte propriamente scientifica.

Traz bons artigos de redacção e collaboração.

—PROJECTO N. NOVENTA E TANTOS e MEFISTO, producções litterarias do baile carnavalesco do dia 28, no Club Iracema.

Merecem leitura, não só como fructos genuinos da epocha, mas tambem como bitola por onde se vê que o carnaval d'este anno ha de ter aquella boa e saudavel fecundidade da Idéa, e como amostra do quanto esta cidade ha adiantado em lettras.

O riso a Cervantes e a Rabellais fuzilla aos borbulhões d'aquella glosa bem intencio-

nada feita aos acontecimentos e aos costumes.

O *Projecto de orçamento*, sobretudo, é de uma satyra enorme.

Agradecemos a visita peregrina d'esses meteoros litterario-carnavalescos, e ficamos... pedindo mais.

PELO MUNDO ARTISTICO.

Continúa sendo entusiasmaticamente acolhida a ideia do monumento em honra de Henrique Heine. ideia lançada por um comité, que assim tomou sobre os hombros a realisação do pagamento de uma grande divida da patria allemã ao sublime inspirador dos *Nocturnos* e do *Intermezzo*. Em quasi todos os grandes centros intellectuaes da Allemanha pollulam as adhesões á ideia de perpetuar, no bronze de um monumento, o poeta que nas paginas dos seus livros immortaes legou, por idades e seculos em fora, um gigantesco monumento á sua patria e á humanidade.

A commissão de Dusseldorf, patria de Heine, acaba de receber da imperatriz da Austria, cincoenta mil marcos. A imperatriz, como é sabido, tem sido durante toda a vida uma das maiores entusiastas do *Livro de Lazaro*.

Tudo faz prever um grande exito para os iniciadores da brilhante ideia em honra de um dos maiores espiritos de que o seculo actual se póde, com razão vangloriar.

Inaugurou-se em Paris, o monumento a Edmond About no cemiterio do Père Lachaise.

O monumento feito por subscripção compõe-se de um pedestal de granito sobre o

qual está a estatua do illustre escriptor sentado n'uma poltrona, tendo na mão direita uma penna e na outra o seu livro *A Grecia Contemporanea*.

Reuniu em Lisboa a 2.^a classe da Academia Real das Sciencias para votar o parecer de adjudicação do premio D. Luiz I.

Estavam presentes os srs. Jayme Moniz, Silveira da Motta, visconde de Benalcáfor, Silvestre Ribeiro, João Basto, Teixeira de Aragão, Antonio de Serpa, Dias Ferreira e Pinheiro Chagas socios effectivos e Luiz Augusto Palmeirim, Candido de Figueiredo, Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, Alvaro Rodrigues de Azevedo e Delphim de Almeida, socios correspondentes.

Em votação nominal foi approvedo o parecer que concluiu por conceder o premio ao volume de theatro do sr Henrique Lopes de Mendonça, que encerra o *Duque de Vizeu* e a *Noiva*. O parecer foi approvedo por maioria, votando contra os srs. Antonio Candido, visconde de Monsaraz, Chrystovão Ayres, e Candido de Figueiredo, que declararam que a sua opinião era favoravel á adjudicação do premio aos *Amores de Julia* do sr. Souza Monteiro.

O sr. Chrystovão Ayres allegou porém que o seu espirito vacillava entre o *Duque de Vizeu* e os *Amores de Julia*, e que não teria duvida em votar o parecer, querendo apenas com o seu voto concorrer para que a Academia, embora concedesse o premio a uma d'essas obras, não deixasse de manifestar a estima em que tinha a outra.

O Sr. Antonio de Serpa,

que votou o parecer, lamentou que o regulamento lhe não permittisse votar a divisão do premio entre os *Amores de Julia* e o *Duque de Vizeu*.

O maior successo theatral do inverno em Pariz, é o *Abbé Constantin*, no theatro Gymnasio.

A *Revue de Deux Mondes*, e com ella concordam todos os jornaes, diz:

« Depois da reabertura dos theatros, só uma peça teve um exito completo o glorioso: «L'abbé Constantin.»

Agora o exito traduzido em dinheiro: de 4 de Novembro a 5 de Dezembro produziu a enorme somma de 203:000 francos, cerca de 90:000\$000.

Devem apparecer brevemente na Córte as seguintes obras:

Um volume de poesias do sr. Mucio Teixeira;

O *Rei Phantasma*, romance pelo sr. Coelho Netto;

A traducção da *Divina Comedia*, pelo finado barão da Villa da Barra.

A viuva do czar foi habitar o seu palacio da rua de Las Cases em Paris, onde se realisarão este inverno grandes banquetes litterarios e artisticos, soirées, concertos, etc. A princeza, que fez da França a sua segunda patria, é muito querida pelos parisienses e é na sua sala que se veem as altas summidades, como Alexandre Dumas, Renan e outros que raro apparecem na sociedade.

Os *Hugguenotes*, de Meyerbeer, produziram uma quasi revolução em Muenster, cidade excessivamente catholica. A opera foi alli considerada como um attentado contra o catholicismo.

ANNUNCIOS

COLLEGIO

DE

Santa Rosa de Lima

situado no saudavel suburbio do Bemfica, servido pela linha de bonds.

As aulas reabrem-se no dia 15 de fevereiro proximo.

Recebem-se alumnas externas, semi-internas e internas.

Ensino pelos methodos mais modernos.

O programma e condições de admissão serão publicados no «Libertador».

A directora,

Julia Amaral.

CURSO DE FRANCEZ

A partir do dia 15 do corrente recommençará o curso de francez theorico e pratico de Mr. de Viremont, em casas particulares e na residencia do mesmo.

A tratar á rua Formosa n.º 25 ou no escriptorio do «Libertador».

Fortaleza 14 de Janeiro de 1888.

PVSSEIO PUBLICO

As corridas de cavallinhos são d'ora em diante aos

DOMINGOS,

TERÇAS,

QUINTAS E

Sabbados

Das 5 horas da tarde ás 9 da noite.

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para—USO DOMESTICO. Louças, vidros, mobílias etc.

Objectos para viagens, brinquedos para creanças.

Artigos para jogos, utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc. 59—Rua do Major Facundo—59

Motta Vieira & C.^a

88--M jor Facundo--88
FORTALEZA

Importadores e exportadores

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

17 RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores
CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos Compram sempre ouro velho e modas.

CEARA'

0 - RUA DO MAJOR FACUNDO - 70

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO

DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homoeopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36 - RUA DA BOA-VISTA - 36

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso estremo, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a Popularidade e sympathia do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO II

GERENTE—MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA

N. 5

FORTALEZA, 23 DE FEVEREIRO DE 1888.

SUMMARIO

Expediente ;
Graphologia criminal. — J. DE SER-
PA ;
De preto e de vermelho. — GIL.
Os insectos na fecundação dos
vegetaes. — ANTONIO BEZERRA.
Pelo mundo artistico ;
Duvidas. — ANTONIO SALLES ;
Phases. — R. J.
A saude de um anjo. — JANE DA-
VY.
O lazareto — RODOLPHO THEOPHI-
LO.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Anno 68000
Semestre 48000

Não se accitam assignaturas por
menos de um semestre.

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 54

Graphologia criminal

(NOTAS DE LITTERATURA JURI-
DICA)

Vivemos em um seculo de
critica e de analyse. Tudo
se examina e investiga. « En-
sinou-se-nos. em tudo, diz
Daniel Spitzer a perguntar —
porquê? — e não passa cousa
alguma, que não tenha força
para justificar-se deante d'es-
se — quem vem lá? — proferido
pela sciencia. (1). »

(1) Dr. Tobias Barretto.
Menores e Loucos, pag. 33.

E', pode-se dizel-o, uma
tendencia da época. E a ella
obedeceu o grande psychia-
tra e profundo observador
italiano Cezare Lombroso es-
crevendo o seu monumental
trabalho — *L' Uomo delinquen-
te*.

Nesse livro revolucionario,
digno de ser lido, não só pe-
la celebridade do autor, mas
principalmente pelos thesou-
ros de saber nelle accumu-
lados, Lombroso afastou se
muito da idéa exposta e de-
fendida com ardor pelos pa-
thologos do crime. O eminen-
te professor italiano conside-
ra o delicto e a loucura phe-
nomenos *semelhantes*, mas
não *identicos* « Como a doen-
ça, o delicto tem a sua *ethio-
logia*. tem mesmo a sua *tera-
pia*. mas não é uma doença

« Da mesma forma que as
affecções marbosas propria-
mente ditas se explicam, ás
mais das vezes, pela lei bio-
logica da hereditariedade, as-
sim tambem os crimes são
para elle quasi sempre re-
bentos de *atavismo*, sem que,
contudo, uma cousa se con-
funda com a outra » (2).

Mas, ao mesmo tempo que
o notabilissimo autor do *Ho-
mem delinquente* se asupe-
riora a maioria dos escriptores
que se têm occupado do assum-
pto, apresenta-nos, no seu *hy-
perbolismo scientifico*, verda-

(2) Dr. Tobias Barretto
Estudo sobre C. Lombroso,
pag. 158.

deiras hypotheses como pon-
tos assentados na sciencia.

Para provar este asserto,
basta estudar o capitulo da
obra consagrado ao *modo de
escrever dos criminosos*, que
o Dr Tobias Barreto cha-
ma muito apropriadamente
parte *graphologica* do crime.

Pensa o illustre psychia-
tra, que assim como os gestos
d'um individuo, a sua voz, a
sua maneira de pronunciar,
a sua marcha, todos os phe-
nomenos devidos á acção de
certos musculos, dão muitas
vezes indicações uteis sobre
o estado de sua alma, trata-
ndo-se aliás de movimentos
instantaneos, que desappare-
cem apenas produzidos; do
mesmo modo a calligraphia,
que é o resultado de um movi-
mento que permanece duran-
te muitos seculos, depois de
manifestado, pode caracteri-
sar perfeitamente o crimino-
so. (3)

E depois de lamentar
que os estudos d'essa especie
enham tido por objecto a sa-
tisfação de uma curiosidade
pueril e não um esclercici-
mento scientifico, diz á pag.
484 da sua obra .

« Si je résume les études
faites sur mes autographes,
(que je dois á l'obligeance de
M. M Alfred Maury, Dire-
cteur des Archives de Fran-
ce, de Muoni, de Beltrani—
Scalia) dont le nombre s'élève

(3) *L' Uomo delinquente*,
edic. franceza, pag. 483.

à 521, je crois pouvoir les diviser en deux groupes bien distincts.

« Le premier groupe est constitué par les *homicides*, les *voleurs de grand chemin*, les *brigands*. La plus grande partie d'entre eux est *caractérisée* par un allongement des lettres, parce que les gens du métier appellent l'écriture gladiolée, c'est-à-dire la forme plus curviligne et ou même temps plus saillante du prolongement des lettres, soit en haut, soit en bas. Chez un bon nombre, la barre du *t* est forte ou prolongée, comme on le remarque généralement pour les gens de guerre et les personnes énergiques; chez quelques autres les lettres forment avec leurs traits des angles aigus. Chez tous, la signature est ornée d'une quantité de petits traits et d'arabesques qui la distinguent aisément de toute autre.

« Le second groupe, exclusivement composé de voleurs, se distingue nettement de celui qui précède: il offre pas de lettres gladiolées, mais toutes sont écartées, molles; la signature n'a rien de saillant, est presque dépourvue de paraphes. En somme, cette écriture se rapproche de celle de la femme et n'a pour ainsi dire pas de caractère. La caractéristique du groupe se rencontre dans la signature d'Honeyman.

« L'écriture des femmes homicides ressemble beaucoup à celle des assassins du sexe fort. En général, toutes se rapprochent de la forme virile.»

Criticando esta parte da obra de Lombroso, escreve o Dr. Tobias Barreto, *Menores e Loucos*, pag 163:

« Sem contestar o fundo de verdade que ha nas apre-

ciações do sabio italiano, não é possível, contudo, acceder se a todos os seus propositos. O máo caracter de letra de um Cartouche ou de um vidocq pode servir para juntarse, como complemento, ás muitas outras provas do máo caracter do homem; mas considerado em si mesmo, isolado de outros factos, como indicio de qualquer qualidade psychica, é mui difficil crer que signifique alguma cousa, digna de attenção »

Profundamente justa esta observação.

A escripta pode fornecer dados mais ou menos seguros para se conhecer a situação moral, o estado d'alma do individuo - no momento de traçal a. Mas é muito dubitavel, que possa caracterizar precisamente uma classe de homens, e d'entre estes os que são dados a taes ou taes crimes. Affirma Bernard Schmitz que defeitos de pronuncia *podem se tornar* defeitos de caracter. E' o que se pode dizer da escripta. A calligraphia, em sua eloquencia muda, pode fornecer provas de um crime, porque assignala o estado psychico d'aquelle que a traçou. Mas d'ahi a uma indução scientifica vai uma distancia enorme.

E ha ainda a considerar os grandes delinquentes ou se trate d'aquelles que Lombroso denomina *criminosos natos*, ou d'aquelles que, dotados de qualidades extraordinarias, se habituam facilmente a pratica do crime. Estes podem calligraphar - no momento do delicto ou sob as impressões d'estes, -- com a mesma segurança e tranquillidade das situações normaes.

Então, a que se reduzem as theorias do notavel psychiatra italiano?

Onde a base dos seus estudos graphologicos?

Abstracção feita de uma ou outra injustiça, veem a proposito estas observações d'um profundo criminalista brasileiro:

« Em quanto a philosophia de Kant, Fichte e Hegel dominou o mundo pensante, foi justamente que o numero dos criminalistas philosophos, em nosso seculo, tornou-se legião.

« Hoje, porem, que a direcção dos estudos é diversa, hoje que a philosophia cedeu o passo ás *sciencias naturaes*, de cujos triumphos a medicina é a melhor representante e mais apta vulgarisadora, apparece o reverso da medallha. Os penalistas pathologicos e *psychiatras* surgem aos grupos e tornam, com as suas idéas, pretendidas originaes, não poucos livros e revistas completamente este-reis.

« E' um defeito caracteristico da actualidade. Todos os paizes cultos têm mais ou menos pago o seu tributo á essa tendencia da época. Mas sobretudo na Italia é que o phenomeno já vai tomando as proporções de *mania*. Alli surgiu nos ultimos tempos uma nova escola, que agrupada em torno do professor Lombroso e de outros medicos, *somente medicos*, exagerando por demais a pequena somma de verdades, que a *psychiatria* pode fornecer á *theoria do crime*, tem chegado quasi ao ponto de fazer do direito criminal um anachronismo, e do criminalista um orgão sem funcção, um orgão rudimentar da sciencia juridica.»

Consequencia da falta de limites, nos dominios das sciencias, e mais ainda do *hyperbolismo scientifico* d'es-

sa jeune école presomptueuse, conforme á expressão de Renan

Felizmente para a humanidade as legislações estão ainda muito longe de se deixar fascinar pelo brilho das novas doutrinas. Entre a theoria e a pratica medeia ainda um verdadeiro abysmo.

J. DE SERPA.

De preto e de vermelho

Um jaqueo encarnado, com enormes botões de papelão, estava a cair das costas da cadeira. Enroscava-se pelo tijolo uma calça de chita. Um collete azul, com um correntão fofo, escanchava-se, como por acaso, no puuho da rede, e no relógio levíssimo escapado da algibeira lia-se uma hora e uns minutos mais adormecidos que o proprio dono. A camisa, toda manchada, como si fôra de um assassino, esparramava-se no pó, e advinhava-se por baixo d'ella a forma de um chapeo de feltro. Um sapato pisava na meza, revirado, entre os livros e os frascos.

Da porta entrecerrada estendia-se uma nesga mais clara, e pelas telhas penetrava em pequenas linguetas symetricas o dia exterior

O tinteiro, entornado, com o fundo azul para cima, com a larga bocca embeijava a tinta derramada como um lago de agua preta. Erguida sobre a meza a estante, com os livros silenciosos de rotulos disparatados com a occasião uns em pilha, uns escorranos e nos outros como bois de carro.

Engoiavam se no cabide roupas de linho servidas.

uma robe de chambre de chita alegre, e andainas diarias. Algumas peças cabidas redobradas pelo proprio peso. N'um gancho um palitô branco retesava as mangas bilateralmente. Sentia se um odor de raizes, de poeira, e de suor.

As varandas da rede não denunciavam o menor movimento, e dentro d'ella se estendia um corpo quasi na direcção das aguas tranquilas.

Entretanto, positivamente, o rapaz não dormia, embora estivesse insensivel a coscega que fizessem as patas de uma mosca passeiando-lhe pelo nariz.

Elle estava era n'um baile de mascaras, melhor do que o verdadeiro, augmentado, completado, com dilicias e com horrores . . .

Elle sentia atroar pelos salões a pancadaria da quadri-lha pavorosa e damnada e louca, vermelha como o sangue vivo, e negra como uns olhos que conheço.

Donzellas trajadas phantasticamente... mancebos de mascara levantada...

Atravez da vidraçaria colorida elle, do seu galope onde o assoalho fugia, avistava duellos sob as espirradeiras do jardim á luz do gaz notivago.

Aconteceu encontrar n'um par cuja dama vestia de rinha do oriente... Havia grupos de homens de ponto em branco nas portas.. Além sobresahia um resplendor n'uns cabellos castanhos... Tremeluziam as cores das phantasias... Via-se braços nus, collos nus... E um adoravel cheiro de virtude envolvia tudo como a luz dos grossos candelabros.

De mãos dadas, apertava e affrouxava o cordão dos pa-

res no en avant tous... O circulo entrava a ondular-se na grande chaine, como as escamas de uma cobra que caminha. De vez em quando uma enluvada maosinha demorava-se mais na d'elle, e temendo o choque dos olhares, punha-se a vista era no peito alheio com uma polidez disfarçada.. E sentia se ali uma irresistivel attração virtuosa de sexo a sexo.. Que enorme differença entre aquelle saráo cearense no pleno gozo das regalias da instituição da familia e as dansas orgiaticas onde elle oxidara o rijo ferro da sua juventude !..

Positivamente, o rapaz não estava dormindo... Agora ia de braços, com outros muitos, e no jardim, na grande luz das lanternas, debaixo da grande noite das estrellas libavam, trocavam ideias, gargalhadas, sentimentos..

Ali sob aquelle galho de jasmims rutilava um barrete phrygio n'um rosto moreno... por tras de uma cadeira encostada a abundante copa de uma palmeirita branqueava uma grinalda de penas, d'onde desciam setinosos cabellos castanhos para um traje canadense... ia, pujante e simples como a lei de Moysés, uma Rachel por aquella avenida e duas outras donzellas metamorphoseadas em duas grandes flores

Luze acolá o alfange de uma Judith e o gume de um ferro de ceifar. Pela vidraçaria gothica, como si fossem pinturas semoventes no vidro, passam mascarados val-sando... um anjo vestido de diabo, e uma nobre menina com o avental e a touca de servente... aquella conduz a rede e o gorro de pe cador... uma, de olhar brandamente sublime tem a tiracollo um cantil de vivandeira onde na-

turalmente está o nectar do batalhão das musas.

Treme no tumulto das cabeças a pluma de um chapeo de caçador...

A orchestra agora é branda e sinistra, depois garganteia, ora empurra os pares, ora os deixa correr como a baleia fisgada... Sente-se peito contra peito o arfar de respirações... eternisa-se o minuto bronzeadamente gravado na memoria... a pobre nudez humana está completamente transubstanciada pelo milagre das vestimentas e da nevrose... e é-se obrigado a admittir a idéia necessaria de um paraíso...

Ha meninas tenues como a garça e singellas como as grandes magnolias e de vozinha tepida como um afago de rolas, que parecem satisfazer-se apenas e bastante com o calor irradiante do grande sol do prazer que a todos manda... são como os serafins, cujas almas subiram pela sua propria leveza ao morrer o corposito nos braços das mãos de infinito olhar sentido.

Ha outras que si tivessem azas iam estas de uma porta a outra... e são como os achanjos valentes los combates miltoneanos... E nuvens surgiam, e clareamentos dourados. Debaixo dos pés ellesentia o longe trovão das coisas terrenas. Estava como em um balaço que passou o limite dos vapores adousados...

A sonharia foi-se esbatendo até empastar-se no nada...

O rapaz dormia... positivamente.

Como elle estava de seu!

Mas subito um relampago fulge pela rotula da janellinha e segue-se a pancada estridente de uma vidraça que bateu no sobrado fronteiro

Foi como a voz do patrão.

*

Pouco depois arrastava elle o lençol, como uma capa de rei, pelo quarto em roda, a procura da roupa.

E enchia o mesmo quarto com o irresistivel--ah--de um prolongado bocejo, que tinha para elle o valor inestimavel de uma descarga nervosa.

GIL

Os insectos na fecundação dos vegetaes

Muito se tem escripto acerca da respiração, transpiração, somno, sensibilidade, movimentos, voracidade, nupcias e migração dos vegetaes; e como preoccupa actualmente a attenção dos sabios mais illustres um facto não menos notavel nesta parte das sciencias naturaes, qual é o de demonstrar-se a influencia dos insectos na fecundação dos mesmos vegetaes, esforçame-hei por dar ligeira noticia sobre o assumpto, que julgo não tanto attrahente quanto maravilhoso.

Desde o fim do seculo passado o celebre naturalista Conrad Sprengel reconheceu que a maior parte das flores nectaríferas não podiam ser fecundadas sinão por intervenção dos insectos.

Juntou observações a observações, dedicou-se seriamente a esse interessante estudo, e ao cabo de muitos annos convenceu-se de q' repugnava a natureza que uma flor completa se fecundasse por si mesma, mas que ao contrario o pollen de uma era transportado sobre o estigma da outra, e tahi inevitavelmente a necessidade para essa operação de agentes exteriores.

A sua obra passou despercebida, e acabou por cahir no esquecimento.

Andrew Knight, que appareceu mais tarde, e procedeu a minuciosas experiencias sobre a autofecundação e a fecundação crusada das mesmas flores, accrescentou a theoria daquelle sabio allemão que: a natureza exigia que se estabelecessem relações sexuaes entre plantas visinhas da mesma especie.

Era o pensamento de Sprengel, e apesar da insistencia com que divulgava os seus escriptos, não teve melhor acolhimento que o seu antecessor.

Foi somente quando appareceu o curioso livro de Darwin, *Fertilization of Orchids*, ha cerca de vinte annos, que ficou conhecida a theoria de que o crusamento em algumas plantas se realisa necessariamente, e é operado em geral pelos insectos em consequencia da adaptação entre estes e aquellas; por exemplo, nas Orchideas, quasi todas as flores são admiravelmente predispostas até nos mais insignificantes detalhes de estrutura á visita dos insectos, de tal modo que não podem elles deixar de operar a fecundação.

Sobre esse facto incontestavel Hermann Muller disse a ultima palavra.

Feita esta succinta exposição historica da theoria floral, vejamos como se effectua a adaptação das plantas entomophilas á fecundação crusada, os meios por ellas empregados para attrahir os insectos, e a adaptação destes para as flores.

Os agentes que concorrem na fecundação das plantas, segundo Delpino, são a agua, o vento e os insectos, razão por

que os botanistas modernos as chamam ontomophilas.

Não cabe aqui discrever largamente a disposição das flores dessas plantas, cujos órgãos são formados para receberem a visita dos seus fecundadores.

Muller explica com vantagem o papel que os insectos exercem nesse trabalho quasi obrigado.

Estes em geral e em particular os hymenopteros, representados pelas abelhas, cuja intelligencia é bem conhecida, são os mais notaveis. os que fornecem maior numero de promotores de fecundação.

Está subentendido que são preferidas as plantas diclinas, as dioicas principalmente, cujas flores masculinas e flores femininas se acham em individuos diferentes.

Grande parte destas plantas são fecundadas pelo vento, como as palmeiras, os pinheiros etc., e nestas condições prestam-se a fecundação cruzada, não podendo transmitir-se o pollen si não pelo auxilio dos agentes exteriores.

Aquellas em que o vento tem accção directa, chamam-se anemophilas, e o processo de sua reprodução já era conhecido desde o tempo de Herodoto, de Prosper Alpin que o observou entre os Orientaes.

Os Egypcios e até os Negros tem d'elle conhecimento, e o botanista Gleditsch o affirma, quando refere o facto da palmeira que vicejava no seu jardim na capital da Prussia, a qual conservando-se estéril, fez vir de Dresda pollendo outra da mesma especie, mas de sexo differente, e dentro em pouco o lindo vegetal apresentava-se carregado de fructos.

Dotados deapparelhos apro-

priados ao fim a que se destinam, isto é, armados de escovas no ventre e nas patas para colherem os granulos pollinicos, os insectos nas visitas as suas favoritas esfregam o abdomeu e deixam cahir no leito nupcial o pó benéfico, que as torna fecundas.

Burdach, o notavel physiolista allemão, leva seu entusiasmo por essa theoria á ponto de dizer que as flores não conservam sua pureza originaria, si não porque seus fiéis visitantes lhes consagram toda a sua ephemera existencia e não frequentam nunca outra especie.

Em compensação dos grosos que delles recebem, ellas, as flores, offerecem-lhes delicias que os attrahem á novas visitas.

Alem dos nectarios, onde encontram agradável alimento, os sedusem ainda pelas cores vivas e pelo aroma, ora suave, ora nauseabundo.

Si em alguma, a disposição do estigma torna impossivel a autofecundação, as petalas brilhantes da corolla fazem attrahir os fecundadores.

E' facto averiguado que os insectos, visitando grande numero de flores, preferem as de colorido mais activo.

Com relação as que se expandem á noite, que em geral são de côr branca e amarello pallido para mais sobresahirem na escuridade, é pelo perfume que despertam a attenção dos affectuosos amantes, e onde quer que se escondam, elles lá vão ter, levados pela delicadeza de seu aparelho olfativo muito mais sensivel do que o nosso.

Negoli tirou disse a prova. Collocou em alguns ramos flores artificiaes odoriferas pela applicação de essencias e flores naturaes desprovidas de aroma, e reconheceu que to-

dos buscavam de preferencia as primeiras.

Os perfumes suaves attrahem as abelhas, os penetrantes as borboletas, os desagradaveis as moscas (dipteros) que se alimentam de carne em putrefacção.

Não há, pois, duvida que os insectos occupam o primeiro logar entre os agentes fecundadores, e que se adaptam as flores, como estas a elles, pelo que se pode concluir com Dodel-Port que «cem mil especies de vegetaes teriam desaparecido rapidamente da superficie do globo, si cessassem de reproduzir flores coloridas e nectaríferas.

ANTONIO BEZERRA.

PELO MUNDO ARTISTICO.

As ultimas novidades theatraes em Pariz, são: *L'Affaire Clémenceau*, peça em cinco actos, extrahida do romance de Dumas, Filho, com o mesmo titulo, e *La Lycéenne*, comedia extravagante, em tres actos, de Feydeau, com alguns numeros de musica, escriptos pelo compositor Serpette, e que veio provar mais uma vez a crise por que está passando a opereta em Pariz. Pelo menos, os theatros dedicados a este genero tem-se agarrado este anno ao *Vau-deville*, que já teve a sua época de popularidade.

Na Allemanha, entretanto a opereta vai progredindo cada vez mais. Infelizmente, os librettistas são mediocres e estão muito áquem dos francezes.

Vae ser extrahida uma peça do victoriado romance «Mesonges» de Paul Bourget.

Sobe a scena proximate, no Vaudeville, uma nova comedia em tres actos, de Alexandre Hepp, intitulada: «La maison du Bon Dieu».

★

Camille Ondinot conclue n'este momento uma nova peça, estudo de costumes, que tem por titulo: «Adultere sentimental».

★

Emilio de Najac leu aos artistas do «Renaissance» uma peça em tres actos, escripta em colloboração com Millaud, e intitulada os «Hypnotisados!» A peça sobe á scena brevemente n'aquelle theatre.

★

Guy de Maupassant vae dar á publicidade um novo romance: «Pierre et Jean».

★

Alphonse Daudet acada de publicar um novo livro, com o titulo de «Trente ans de Paris.»

★

Bailly e Dubois, extraíram um drama em 5 actos do romance «Le mále», de Lemonnier.

★

O presidente do ministerio italiano, o sr. Crispi, vai organizar um ministerio de bellas artes, para o que solicitou dos governos estrangeiros o texto dos estatutos ou das leis, respectivas á intervenção official em questões relativas ao theatre. Bom seria que fizesse o mesmo em Portugal, onde o direito da propriedade litteraria e theatral continua a ser letra morta.

★

Camille de Saint Sacos está concluindo a sua nova opera «Benvenuto Cellini», que será o grande acontecimento musical de Paris, este anno.

DUVIDAS

A HERMINO BARROSO

A's montanhas azues que attentamente
Do firmamento a curva estão fitando
E vêem quando o sol se alteia e quando
Desce ás regiões sombrias do occidente;

A's velas que se vão saudosamente,
Mar em fora, á mercê do vento brando
Que á flor das aguas mansas passa reente
E vai de vaga em vaga modulando

Umás canções dulcisonas, suaves;
Ao fugitivo préstito das aves;
A's palmas herculeos coqueiraes:

Eu pergunto:—Pra encherço cêo vasio,
E' branca ou negra a nuvem que o bravo
E vario vento em seus arcanos traz?....

ANTONIO SALLES.

PHASES

Era uma candida creança, cheia
De tons suaves, divinaes, ethereos,
Loura visão a prometter mysterios
De insondavel amor.

Eu desejei-a.

Fizera-se mulher; me arrebatava
Em transportes de amor e de ternura
Para um Eden de célica ventura
De ineffaveis delicias.

Eu a amava.

Com santo affecto, as cabezinhas
(d'ouro
Ella amima, solícita, enlevada,
Em luminoso effluvio mergulhada.
E' a mão de meus filhos.

Eu a adoro.

1887.

B. J.

A saudade de um anjo

Apenas os labios maternas contraídos por uma dôr enorme pousaram o ultimo beijo nas palpebras arroxeadas de Lili, sua alma innocente e pura voou para o cêo.

Uma nuvem dourada pelos raios do sol que acabava de nascer por trás da collina, n'um dia de estio brilhante e formoso transportou-a do mundo á patria dos anjos.

E Lili pensou que sonhava ao vêr-se n'aquella man-

são de delicias, inundado por uma luz que quasi lhe destumbrava os olhos, respirando perfumes mysteriosos e de uma suavidade tal que pareciam se evolar de um immenso vergel de rosas e jasmims.

Os cherubins vieram recebê-lo contando hymnos festivas. Tinham azas deslumbrante e roupagens de finissima gaze e eram todos tão lindos que Lili quedou se a contemplal-os em verdadeiro extasi.

Uns tangiam aureos bandolins, outros tiravam das harpas sons harmonioso, outros enfim dedilhavam instrumentos desconhecidos com uma gentileza encantadora.

A entrada de Lili no cêo era uma festa.

Os anjos levaram-no em triumpho para as moradas paradisiacas.

Atravessaram parageus luminosas onde o ar estava impregnado do aroma de incenso e myrra.

Por todos os lados brilhavam flores as mais bellas e que em nada se assemelhavam ás dos jardins terrenos.